

Vieira: vencedor ou vencido?

MARIA JOSÉ BUENO CASSEB

Esse trabalho privilegia aspectos da sexta fase da vida de Antônio Vieira (1681-1697), definitivamente no Brasil, após uma longa e existência um tanto conturbada no contraditório século XVII, ao participar intensamente no acontecimentos de seu tempo, seja por atuar junto à Corte de D. João IV, influenciando-o em várias decisões a respeito dos problemas internos do reino, como da administração colonial e do comércio português; atuar em várias missões diplomáticas; entrar em conflito com o Tribunal do Santo Ofício; defender indígenas e cristãos novos; viver na selvas do Maranhão ou em Roma (a capital intelectual do tempo), com a mesma versatilidade.

Para tanto, far-se-á uma análise geral das fases de sua vida, baseando-se em catálogo temático (1) e em seguida analisar-se-á os sermões da referida fase, de forma a se inteirar da sua atuação, tanto no contexto metropolitano, como no contexto colonial.

Antônio Vieira, um dos mais brilhantes e contraditórios filhos da Companhia de Jesus nasceu, viveu e morreu no século XVII, no qual sua vida ocupou os bem vividos oitenta e nove anos.

De acordo com seu biógrafo João Lúcio de Azevedo, sua vida foi dividida em seis fases e Margarida Vieira Mendes, produziu um catálogo cronológico de seus sermões, os quais foram analisados.

Consta que o orador na primeira fase O Religioso e o Patriótico (1608-1640), época rica em informações singulares a respeito de sua vida desde quando chegou ao Brasil, ingressou na Ordem dos jesuítas e obteve os primeiros sucessos como orador, na Baía, ao questionar em púlpito a situação dramática da região ocupada pelos holandeses e as conseqüências a curto e longo prazo, assim como o perfil da Companhia de Jesus.

Embora os sermões dessa fase sejam esporádicos, nem por isso deixam de ter valor, tanto literário como histórico: tratam de assuntos variados, mas as tendências morais,

teológicas, evangélicas, sociais, filosóficas e militares dão a tônica a esse conjunto, mostram ainda sua simpatia pela epopéia guerreira dos judeus.

Volta a Portugal e ao se entrevistar com D. João IV e a Rainha, caiu nas suas graças, tornou-se orador oficial da Corte, educador de D. Teodósio, e foi autorizado a fazer várias viagens a diversas cortes européias para tratar do reconhecimento da independência lusa e negociar casamentos para filhos de D. João IV, todos com muito pouco êxito.

Na Segunda fase O Político-Missões Diplomáticas (1641-1650), Vieira volta a Lisboa, ingressa na Corte, torna-se seu orador oficial e entra em na vida atribulada da diplomacia, dadas as necessidades impostas pela Restauração, além de ser a pessoa que mais teria influenciado o monarca, inclusive sobre a necessidade da criação da Companhia de Comércio atrelada ao capital judaico.

É na terceira fase *O Missionário (1651-1661)* que se identifica com a evangelização e com os problemas que a envolviam, além de ser a fase mais produtiva.

De 1662-1668, fase identificada de *O Vidente* é aquela em que trabalhou sua *História do Futuro*, traçou as bases da *Clavis Prophetarum* e se envolveu com o Santo Ofício, enquanto que de 1669-1680 - *O Revoltado*, foi caracterizada pela perda de prestígio junto à Corte seu sucesso em Roma, experiência deveras interessante, por fazer uso da língua italiana em púlpito, freqüentar a corte da Rainha Cristina da Suécia e organizar os primeiros tomos de seus sermões, para serem impressos.

E, por último, de 1681-1697, *O Vencido*, encontra-se definitivamente na Baía época em que temos uma farta produção de cartas; refez textos de vários sermões; se afasta um tanto da vida pública, entre seus achaques e o término dos últimos volumes da Edição Princeps.

Vieira sai de uma fase, cujos sermões foram proferidos, na grande maioria em Lisboa e em sua maior parte panegíricos, não fosse sua arte de dissimular críticas a quem quer que fosse, os quais tinham um endereço certo: chamar a atenção do Príncipe e ou endereçar-lhe uma certa crítica por não prestigiá-lo, como fizeram seus pais em tempos passados.

No que diz respeito à sexta fase, o contexto metropolitano e colonial , não deixam de serem complicados: criação da Junta das Missões, para controle dos negócios entre colonos

e gentios; o Tratado de Lisboa com a Espanha; o governo geral de Antônio Teles de Menezes, na Baía, ocasião em que Vieira viveu momentos difíceis devido a contendas entre sobrinhos e o governador e outras autoridades do Reino, visto que a proscrição de seus familiares duraria até 1687; a Revolta de Beckman no Maranhão contra o monopólio da Cia. Geral de Comércio; o Regimento das Missões e abolição dos privilégios dos jesuítas, para organização de entradas ao sertão; a recusa do Conselho Ultramarino em tratar a paz com os quilombolas; a delimitação das áreas de atuação missionária das ordens Franciscana, Carmelita, Franciscanos de Piedade e Mercedários; O Levante dos Tapuia - Confederação dos Cariri em várias regiões do nordeste e a fundação dos sete Povos das Missões pelos jesuítas no sul.

Vieira é nomeado Visitador da Província Geral do Brasil, em 1688, cargo que ocupa até 1691, ano em que justifica a ida de jesuítas ao Quilombo de Palmares, através de cinco argumentos, sendo que o último era pelo fato de serem escravos rebeldes, encontravam-se em estado de pecado constante. Chega a cogitar a ida de padres angolanos para facilitar o entendimento da língua. E, logo descartou-se tal possibilidade, por não acreditarem que os quilombolas desistissem da rebeldia.

As caçadas aos índios continuam firmes entre 1690 e 1692 e, na data anterior promove a missão entre os índios Cariri, financiando-a com os lucros da venda de seus livros, o que não era novidade, uma vez que nos tempos em que trabalhou no Maranhão, também usou dos proventos de pregador régio na obra das missões.

Assim que chegou à Brasil, nem ele e nem a Baía eram os mesmos de algumas décadas atrás. Ele carregava uma larga experiência de vida e cultura como poucos do seu tempo, acumuladas ao longo de décadas de trabalho intelectual, em prol da nação portuguesa, do seu ideal e da própria Companhia de Jesus.

Embora aprendesse a lutar com a oratória, um dos recursos mais eficientes da época, e o fizesse de forma brilhante, deixa transparecer que não soubera perder. Lutas, na maioria individuais, porém pelo coletivo que trouxeram admiradores e, ao mesmo tempo, inimigos ferrenhos, levam muitos a vê-lo como um fracassado.

A sua Baía já não era a tímida cidadezinha colonial que deixara, embora continuasse a ser a sede do governo metropolitano, crescera e se espalhara e seu porto era um tanto movimentado; conhecia poucos, inclusive na Instituição e da família só restavam um irmão e um sobrinho e a Quinta do Tanque foi *o refúgio do vencido*, imposto a si mesmo e que poderia estabilizar sua saúde, dar continuidade à publicação de seus sermões, escrever a *Clavis Prophetarum*, acumular uma extensa e valiosa correspondência com pessoas que ainda possuía algo em comum, como por exemplo o núncio de Lisboa, o Duque de Cadaval, o marquês de Gouveia, Frei João da Madre de Deus, o Cônego Francisco Barreto e outros, todos elos fortes que o mantinham ligado ao Reino e a tudo que girava em torno dele (2).

Mesmo isolado na Quinta do Tanque, não desapareceu de todo da vida pública, uma das atividades que mais o fascinava, quase tanto como a Evangelização.

Um fato que dificulta acompanhar as suas preocupações reais no contexto metropolitano e colonial é a grande quantidade de cartas do período e não foram totalmente interpretadas, mas segundo João Lúcio de Azevedo, foi através delas que Vieira extravasou todas as suas inquietações, ressentimentos, satisfações e insatisfações.

Os seus sermões já não trazem mais a marca do destemido guerreiro do passado, incluindo as mágoas que ainda carregava pelo soberano, tão alheio às suas qualidades e serviços prestados ao Reino e ao estado deplorável em que se encontrava a Colônia. Seu discurso se suavizara com as decepções das batalhas perdidas ao longo de uma existência tão marcante no seu século.

Antes do nascimento do herdeiro, suas observações em relação à Colônia soam como um lamento: *suas fortalezas sem armas, sem munições, sem presidio e devastada pela epidemia: os soldados velhos do Brasil desaparecidos; corsários, principalmente franceses, a correrem a costa indefesa, qualquer um poderia num lance de audácia apossar-se da capital (...)* Já não me queixo nem me lastimo de não quererem ter herdeiros, pois ainda que os haja, não terão que herdar (3).

A situação da Índia não era diferente e as notícias eram de que agüentaria por pouco tempo. Reclamava por não terem aceitado a proposta de criar outra Companhia de Comércio, como aconteceu em outros tempos. E do passado, só lhe restavam pouquíssimos amigos; tentou em vão por duas décadas reconquistar a fama junto a D. Pedro, o que levou-o a endereçar-lhe críticas terríveis; sua vida excluiria qualquer publicidade, não fosse a publicação de parte dos sermões, cujos primeiros volumes despertaram grandes elogios e aprovação até dos membros do Santo Ofício.

Na Espanha, muitos o supunham vítima do Tribunal do Santo Ofício, fato possivelmente relacionado com o auto-de-fé proclamado pelo povo e partidários da Inquisição em Coimbra, um prato cheio para os dominicanos, ávidos por deturpar a sua imagem, dadas as rixas antigas, entre 1655 e 1669.

De Lisboa, *censores e correspondentes* cobravam-lhe os futuros tomos dos sermões e a conclusão da *Clavis Prophetarum*, por temor que ficassem inconcluídos, dada a saúde precária e a idade avançada.

Embora tenha chegado á Baía em 1681, só dois anos depois se apresenta em público e ao que tudo indica, domesticamente, mas não tocou em assuntos públicos. Apenas em assuntos teológicos.

Não se sabe até que pinto em 1684, prestaria honras fúnebres à Rainha que tanto o desprezara no passado, mão fosse as ordens do Marquês de Minas

Embora a produção dessa fase seja um tanto rica, pode-se se dizer que a maioria de seus sermões não foram pregados, como por exemplo grande parte da série dos Sermões do Rosário, compostos para formar um livro, a *Série Maria Rosa Mística*, em cumprimento a um voto feito e repetido por ocasião de grandes perigos, referindo-se ao acidente que sofrera durante a viagem ao Maranhão a Lisboa, em 1654 e os panegíricos em homenagem a São Francisco Xavier, Vieira teria pronunciado não mais que dez sermões e deixa claro que tinha necessidade de encerrar o último tomo, para que fosse enviado à Metrópole para impressão, uma vez que se encontrava com a saúde abaladíssima, acamado e praticamente cego.

Embora alguns temas sejam repetitivos, percebe-se que o objetivo principal era o de espalhar a fé através das orações do Rosário, seguido das preocupações teológicas, morais, evangélicas, sociais, conversão, numerologia, profetismo e a escravidão negra.

A esperança do herdeiro para o trono português deu-lhe tanto ânimo que proferiu um *Sermão em Ação de Graças* e, qual não foi a sua surpresa ao saber do falecimento ocorrido semanas depois. Nele, conclamou e defendeu a sua palavra, como forma de *restabelecer o crédito, que poucos lhe concederiam* (5) Escapou alegando o próximo nascimento, visto que *este tinha ido receber no céu a investidura, que de fato havia de ser o irmão* (id) ou do pai que, bem poderia herdar a coroa do filho. Insiste em argumentar que o reino liderará o futuro império, dadas as observações de matemáticos, previsões de políticos, vozes inspiradas do céu (6).

Outra notícia bem vinda foi a homenagem que lhe prestou a Universidade do México, justamente quando em Coimbra prestaram-lhe exéquias em vida: *Não posso deixar de me magoar muito que no mesmo tempo em uma universidade de portugueses se afronte a minha estátua, e em outra universidade de castelhanos se estampe a minha imagem* (7). Em 1696, aproxima-se novamente das profecias, logo que a frota trouxe notícias da morte do rei da Inglaterra, convertido ao cristianismo, ano do auge da epidemia de febre amarela na Bahia. Consta que ele e o padre José soares foram dos poucos que escaparam a ela, *o que eles atribuíram à proteção do Rosário, pois achavam-se nesse tempo ocupados em coligir os sermões oferecidos à Virgem em dois volumes com aquele título* (8). O cargo de Visitador Geral era com a condição de não sair da Baía e de residir no Colégio, por três anos, também o colocava em sintonia com a administração, atividade que sempre o tocara de perto (9), ocasião em que teve oportunidade para rememorar todo o processo do trabalho das missões, dos conflitos com os colonos, seus sucessos e insucessos como missionário, além de ver vingados aqueles que expulsaram os jesuítas do maranhão, entre eles, Jorge Sampaio e Manuel Beckmão.

É nessa época que enviou Antonil a Pernambuco a fim de investigar uma contenda com o bispo (o qual detinha também o poder civil) e o reitor do colégio da Companhia de Jesus quanto a um refugiado dos padres, ocasião em que enaltece as qualidades do colega italiano e cujos atritos se tronam declarados em 1694, quando da eleição para o cargo de Procurador em Roma: Vieira não resistiu em indicar seu candidato, quando talvez seus superiores já tivessem outro em mente. E o caso foi parar em Roma e Vieira foi penalizado por indisciplina e a decisão favorável ao geral de Roma não chegara a tempo.

Por ocasião da aclamação de D. Pedro, foi visto um cometa e Vieira não resistiu à tentação em noticiar ao duque de Cadaval e apresentar felizes prognósticos, justamente numa época de crise no Reino e Ultramar.

Tanto na exortação I, como na exortação II, de 1688, Vieira dá mostras dos problemas enfrentados pela evangelização, das dificuldades dos jesuítas, cuja carreira deve ser escolhida com mais seriedade e rigor.

Já no Sermão de São Gonçalo, de 1689, expõe as diversas formas de se servir a Deus e insinua estar se referindo a si próprio, ao comentar a idade avançada, a espera da morte e auto-exílio. Aí também reforçou o atraso da Colônia na comunicação e no transporte. Afinal, os núcleos urbanos eram escassos e distanciados uns dos outros, o que contribuía para afastar o homem da religião, além de dificultar a ação evangélica.

Embora o Discurso Apologético date do mesmo ano e não fora pronunciado, não se redime diante dos prognósticos falhos e ao tratar dos votos, no sermão Doméstico, confirma o descrédito em que se encontra a questão da eleição.

Já na série de Xavier, para a Rainha D. Sofia de Neuburgo, particularmente devota ao apóstolo da Índia, trata de assuntos diversos, incluindo a falta de interesse dos senhores de escravos em não ensinar-lhes a verdadeira fé, mas em nenhuma ocasião teceu comentários

a respeito desses mesmos senhores pelo fato de se abusarem sexualmente de suas escravas.

Os últimos sermões, de Ação de Graças, Gratulatório de São Francisco Xavier e do felicíssimo Nascimento, não foram pregados.

Ainda em 1695, outro cometa fora visto na Baía, motivo suficiente para voltar a prognosticar golpes, dada a forma de espada, embora os mais impensados previam felicidades *por ser diáfano*. E, Vieira contrariava e conclamava todos à oração e à penitência, uma forma de se salvar a baía, tal qual a Nínive se salvara da punição profetizada por Jonas, dada a sua rápida conversão.

Notas.

1-CASSEB:1999.

2-in:HistóriadeAntónioVieira,p.126.

3-AZEVEDO,p.206.

4- id, p.208.

5- ibid, p 209.

6- id, p. 211.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AZEVEDO, João Lúcio de. *História de Antônio Vieira*. 3ed. Lisboa: Clássica, 1992.

CASSEB, Maria José Bueno. *Os sermões de Vieira: catálogo temático e ensaio crítico analítico*. Dissertação de mestrado.Unesp:Franca.1999.

MENDES, Margarida Vieira. *A Oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho, 1993.

VIEIRA, Padre António. *Sermões*. Lisboa: Lello & Irmão, 1956. -

----- *Cartas*. 3ª reimpressão. Lisboa: imprensa Nacional Casa da Moeda. s/d. V.III.